

ESTATAIS

**Aparelhamento político**

Os graves problemas na Celg relatados pelo sr. Cláudio Sales, do Instituto Acende Brasil, neste Fórum (26/11) e no contundente artigo Celg - a doença e o remédio (11/11, B2) são decorrentes da falta de freios para obstar, em todos os níveis de governo, o inescrupuloso apetite fisiológico dos políticos. Oportuno lembrar que o que ocorre no plano estadual se repete - com a conivência e cumplicidade da oposição - no preenchimento de cargos federais: são 25 mil os de nomeação política.

Nos EUA são 2 mil e na Inglaterra, cem - incluindo ministros. É uma vergonha! Nos países do Primeiro Mundo, capitalistas ou socialistas, é comum, até em empresas com capital majoritário do Estado, o Executivo poder indicar só um terço do conselho de administração. Assim, tais empresas se tornam profissionais e atreladas aos objetivos permanentes do Estado, e não dos governos, muito menos dos partidos. Essa excrescência brasileira decorre do erro de se considerar governamental o que deveria ser estatal. Nestes termos, é grosseiro eufemismo chamar Petrobrás, Eletrobrás, Cemig, Cesp, Celg, etc., de estatais.

**NILSON OTÁVIO DE OLIVEIRA**

noo@uol.com.br

São Paulo

**O Estado de S.Paulo - 29/11/2010**

**Fórum dos Leitores**

**Estatais**

**Aparelhamento político**

Os graves problemas na Celg relatados pelo sr. **Claudio Sales, do Instituto Acende Brasil**, neste Fórum (26/11) e no contundente artigo Celg - a doença e o remédio (11/11, B2) são decorrentes da falta de freios para obstar, em todos os níveis de governo, o inescrupuloso apetite fisiológico dos políticos. Oportuno lembrar que o que ocorre no plano estadual se repete - com a conivência e cumplicidade da oposição - no preenchimento de cargos federais: são 25 mil os de nomeação política. Nos EUA são 2 mil e na Inglaterra, cem - incluindo ministros. É uma vergonha! Nos países do Primeiro Mundo, capitalistas ou socialistas, é comum, até em empresas com capital majoritário do Estado, o Executivo poder indicar só um terço do conselho de administração. Assim, tais empresas se tornam profissionais e atreladas aos objetivos permanentes do Estado, e não dos governos, muito menos dos partidos. Essa excrescência brasileira decorre do erro de se considerar governamental o que deveria ser estatal. Nestes termos, é grosseiro eufemismo chamar Petrobrás, Eletrobrás, Cemig, Cesp, Celg, etc., de estatais.

NILSON OTÁVIO DE OLIVEIRA / [noo@uol.com.br](mailto:noo@uol.com.br)